

Estratégias de prevenção de depressão e suicídio nas escolas para crianças e adolescentes vulneráveis

Strategies for the prevention of depression and suicide in schools for vulnerable children and adolescents

Estrategias de prevención de la depresión y el suicidio em las escuelas para niños y adolescentes vulnerables

DOI: 10.5281/zenodo.18769436

Recebido: 21 fev 2026

Aprovado: 24 fev 2026

Nívia Larice Rodrigues de Freitas

Medicina – Universidade Nilton Lins

Manaus – Amazonas

nivialaric@gmail.com

Beatriz de Araújo Fontes

Medicina – Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP)

Rancharia – SP

fontesbeaa@gmail.com

Quintiliana Maria Albuquerque Carvalho

Pedagogia – Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Parnaíba – PI

quintilianaphb123@gmail.com

Charles Fabian de Lima

Medicina – Universidade Federal de Jataí (UFJ)

Silvânia – GO

charles_ch_@hotmail.com

Gisele Aparecida Gomes

Enfermagem – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

São Leopoldo – RS

giseleaparecidagomes6@gmail.com

Geraldo Ordozgoith Da Frota Filho

Medicina – Universidade Nilton Lins

Manaus – AM

25000035@uniniltonlins.edu.br

Davi Maia Rocha

Psicologia – Faculdade de Tecnologia e Ciências (UniFTC)

Salvador – Bahia

psidmaiar@gmail.com

Blenna Mayra Martins dos Santos

Medicina – Universidade Nilton Lins
Manaus – AM
blennamsantos@icloud.com

Fernanda Reis da Silva

Medicina – UFRR
Manaus -AM
fernandareisdasilva.rr@gmail.com

Antônio Narses de Freitas

História e Geografia – Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
Morada Nova – Ceará
professornarses@yahoo.com.br

Ana Cristina Vasconcelos Barros

Licenciatura Educação Física - Universidade Estadual do Ceará (UECE)
Fortaleza – Ceará
tininhavb_5@hotmail.com

Jaqueline Maria de Sousa

Pedagogia - Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
Fortaleza – Ceará
jaquemaria123@yahoo.com

Elisangela de Sousa Marinho

Pedagogia Licenciatura Plena - Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
Horizonte – Ceará
elimarinho1401@gmail.com

Vannorleide Rodrigues de Saboia

Pedagogia - Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
Morada Nova –Ceará
vannorleide@hotmail.com

Vanuzza Rodrigues de Saboia

Educação Física e Arte Educação – Universidade Estadual do Ceará (UECE)
Morada Nova – Ceará
vanuzasaboia@yahoo.com.br

RESUMO

A vulnerabilidade em saúde mental de crianças e adolescentes decorre da interação entre fatores biológicos, sociais e ambientais, sendo intensificada por condições como pobreza, negligência familiar, bullying e instabilidade doméstica. No Brasil, o aumento de quadros depressivos e de comportamentos autolesivos, agravados no contexto da pandemia, evidencia a necessidade de respostas estruturadas no ambiente escolar. A depressão infantojuvenil compromete o desenvolvimento emocional, cognitivo e social, podendo evoluir para ideação e tentativa de suicídio quando não identificada precocemente. Diante desse cenário, o objetivo deste estudo é analisar as estratégias de prevenção de depressão e suicídio nas escolas direcionadas a crianças e adolescentes vulneráveis. Trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa, de abordagem qualitativa, com caráter descritivo e exploratório, realizada em bases como Google Scholar e SciELO, considerando produções entre 2021 e 2026. Foram incluídos estudos que abordassem fatores de risco, sinais de alerta, impactos educacionais e propostas preventivas no contexto escolar. Os resultados indicam que a prevenção eficaz exige identificação precoce de sinais de sofrimento, protocolos

institucionais claros, formação continuada docente, programas de educação socioemocional integrados ao currículo e atuação multiprofissional articulada com saúde e assistência social. Conclui-se que a prevenção deve constituir política institucional permanente, sustentada por escuta qualificada, corresponsabilização intersetorial e promoção sistemática de fatores protetivos no cotidiano escolar, fortalecendo vínculos, pertencimento, cuidado integral e acompanhamento contínuo dos estudantes em situação de risco.

Palavras-chave: Depressão. Tentativa de suicídio. Saúde mental.

ABSTRACT

Mental health vulnerability in children and adolescents results from the interaction of biological, social, and environmental factors, and is intensified by conditions such as poverty, family neglect, bullying, and domestic instability. In Brazil, the increase in depressive disorders and self-harming behaviors, worsened in the context of the pandemic, highlights the need for structured responses within the school environment. Childhood and adolescent depression compromises emotional, cognitive, and social development and may progress to suicidal ideation and attempts when not identified early. In this context, the objective of this study is to analyze strategies for the prevention of depression and suicide in schools aimed at vulnerable children and adolescents. This is a narrative bibliographic review with a qualitative approach, descriptive and exploratory in nature, conducted using databases such as Google Scholar and SciELO, considering publications between 2021 and 2026. Studies addressing risk factors, warning signs, educational impacts, and preventive proposals within the school setting were included. The results indicate that effective prevention requires early identification of signs of distress, clear institutional protocols, ongoing teacher training, socioemotional education programs integrated into the curriculum, and multiprofessional action articulated with health and social assistance services. It is concluded that prevention must constitute a permanent institutional policy, supported by qualified listening, intersectoral co-responsibility, and the systematic promotion of protective factors in daily school life, strengthening bonds, belonging, comprehensive care, and continuous monitoring of students at risk.

Keywords: Depression. Suicide attempt. Mental health.

RESUMEN

La vulnerabilidad en salud mental de niños y adolescentes resulta de la interacción entre factores biológicos, sociales y ambientales, y se intensifica por condiciones como la pobreza, la negligencia familiar, el acoso escolar y la inestabilidad doméstica. En Brasil, el aumento de los cuadros depresivos y de las conductas autolesivas, agravados en el contexto de la pandemia, evidencia la necesidad de respuestas estructuradas en el ámbito escolar. La depresión infantojuvenil compromete el desarrollo emocional, cognitivo y social, pudiendo evolucionar hacia la ideación y el intento de suicidio cuando no se identifica de manera temprana. En este contexto, el objetivo de este estudio es analizar las estrategias de prevención de la depresión y el suicidio en las escuelas dirigidas a niños y adolescentes vulnerables. Se trata de una revisión bibliográfica narrativa, con enfoque cualitativo y carácter descriptivo y exploratorio, realizada en bases de datos como Google Scholar y SciELO, considerando publicaciones entre 2021 y 2026. Se incluyeron estudios que abordaran factores de riesgo, señales de alerta, impactos educativos y propuestas preventivas en el contexto escolar. Los resultados indican que la prevención eficaz requiere la identificación temprana de signos de sufrimiento, protocolos institucionales claros, formación continua del profesorado, programas de educación socioemocional integrados al currículo y una actuación multiprofesional articulada con los servicios de salud y asistencia social. Se concluye que la prevención debe constituir una política institucional permanente, sustentada en la escucha cualificada, la corresponsabilidad intersectorial y la promoción sistemática de factores protectores en la vida escolar cotidiana, fortaleciendo vínculos, sentido de pertenencia, atención integral y seguimiento continuo de los estudiantes en situación de riesgo.

Palabras clave: Depresión. Intento de suicidio. Salud mental.

1. INTRODUÇÃO

A vulnerabilidade em crianças e adolescentes, no âmbito da saúde mental, refere-se a um estado de suscetibilidade amplificada a danos psíquicos devido à interação dinâmica de fatores biológicos, sociais e ambientais (Zacheo, Cardoso e Netto, 2026). Esse conceito abrange indivíduos que, por razões diversas, possuem menor resiliência ou recursos limitados de enfrentamento diante de estressores externos, como o bullying ou a pressão acadêmica (Moraes et al., 2023).

No contexto brasileiro, a vulnerabilidade socioeconômica, que inclui a negligência familiar e a insegurança alimentar, atua como um catalisador para transtornos de humor graves (Sichoski et al., 2023). Crianças expostas a ambientes domésticos instáveis apresentam uma predisposição estatisticamente maior ao desenvolvimento de sentimentos de desamparo aprendido e anomia social (Zacheo, Cardoso e Netto, 2026; Sichoski et al., 2023). Além dos fatores externos, existe a vulnerabilidade clínica, onde a presença de sintomas depressivos precoces compromete a capacidade de socialização e o desempenho cognitivo do aluno (Santos et al., 2023).

A depressão infantojuvenil configura um transtorno de humor que compromete de maneira significativa o desenvolvimento emocional, cognitivo e social de crianças e adolescentes (Santos et al., 2023). Diferentemente de estados transitórios de tristeza, essa condição caracteriza-se por persistência sintomática, alterações afetivas intensas e prejuízo funcional que interfere na construção da identidade e da autoestima (Chaves, 2023). A experiência depressiva nessa fase pode envolver sentimentos de desesperança, autodepreciação, culpa excessiva, anedonia e distorções cognitivas relacionadas à percepção de si e do futuro (Santos et al., 2023). Quando tais manifestações permanecem sem reconhecimento adequado, amplia-se o risco de agravamento do sofrimento psíquico e de emergência de ideação suicida, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidade emocional e social (Zacheo; Cardoso; Netto, 2026).

O suicídio, nesse contexto, não se limita ao ato consumado, mas integra um processo que compreende ideação, planejamento e tentativa (Alves et al., 2022). A ideação suicida envolve pensamentos recorrentes sobre morte ou desejo de desaparecer, podendo evoluir para planejamento concreto quando associada à percepção de ausência de alternativas para cessar a dor emocional (Batista Filho et al., 2024). A tentativa representa a expressão prática desse processo e constitui marcador de sofrimento psíquico intenso (Cesa; Pizzutti; Dhamer, 2024). O comportamento suicida deve, portanto, ser compreendido como resultado de uma trajetória de sofrimento acumulado, na qual experiências adversas e fragilidades emocionais se entrelaçam progressivamente (Zacheo; Cardoso; Netto, 2026).

A identificação de sinais e comportamentos de risco constitui etapa fundamental na compreensão desse fenômeno. Entre os indicadores mais recorrentes encontram-se isolamento social persistente, perda significativa de interesse por atividades anteriormente prazerosas, alterações expressivas no padrão de sono e alimentação, irritabilidade constante e dificuldades de concentração (Santos et al., 2023). A presença de verbalizações relacionadas à inutilidade, à autodesvalorização ou ao desejo de não existir configura sinal de alerta relevante, sobretudo quando associada a sentimentos intensos de desesperança (Alves et al., 2022). Mudanças abruptas de comportamento, abandono de vínculos interpessoais significativos e aumento da impulsividade também podem indicar intensificação do sofrimento emocional (Roberto, 2024). Tais manifestações exigem interpretação cuidadosa, uma vez que frequentemente são minimizadas como características típicas da adolescência.

Entre os comportamentos que demandam atenção específica destaca-se a autolesão sem intenção suicida. Cortes, arranhões ou outras formas de autoagressão podem representar tentativa de aliviar dor psíquica por meio da dor corporal, funcionando como estratégia desadaptativa de regulação emocional (De Moraes Orsatto et al., 2025). A repetição desse comportamento associa-se a maior probabilidade de evolução para ideação suicida, especialmente quando acompanhada de retraimento social e sentimentos persistentes de vazio (Escobar; Arruda; De Lorena Sobrinho, 2022). Ainda que não haja intenção imediata de morte, a autolesão revela intensidade de sofrimento que ultrapassa os recursos internos de enfrentamento disponíveis naquele momento (De Moraes Orsatto et al., 2025).

O aumento das tentativas de suicídio entre crianças e adolescentes no Brasil tem sido registrado com maior frequência nos últimos anos (Roberto, 2024). A ocorrência de casos na infância, anteriormente considerada menos atingida, evidencia a necessidade de atenção ampliada às manifestações precoces de sofrimento psíquico (Cesa; Pizzutti; Dhamer, 2024). Fatores vivenciados durante a pandemia da Covid 19, como isolamento prolongado e ruptura de rotinas estruturantes, relacionaram-se ao agravamento de sintomas depressivos e ao aumento de comportamentos autolesivos (De Siqueira Urruth; Jaeger, 2022). Esse contexto reforça a importância de compreender o fenômeno em sua inserção histórica e social.

Nesse sentido, a análise das transformações históricas na compreensão da depressão infantil revela que, durante longo período, o sofrimento psíquico na infância foi subestimado sob a premissa de que crianças não possuiriam maturidade emocional suficiente para desenvolver transtornos de humor estruturados (Chaves, 2023). Essa concepção contribuiu para invisibilização de sintomas e atraso no reconhecimento de quadros clínicos precoces. A consolidação de evidências científicas modificou esse entendimento, reconhecendo a infância e a adolescência como fases suscetíveis a transtornos graves, com manifestações próprias e impacto prolongado (Santos et al., 2023).

Paralelamente às mudanças no campo clínico, a compreensão contemporânea do suicídio incorporou a análise de sua dimensão sociocultural. O chamado efeito Werther possui origem histórica no século XVIII, após a publicação do romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Johann Wolfgang von Goethe, em 1774. A narrativa do suicídio do personagem principal foi associada, à época, ao aumento de mortes por suicídio entre jovens europeus que se identificavam com a obra. A partir desse episódio, passou-se a utilizar a expressão efeito Werther para designar a possibilidade de comportamento imitativo após ampla divulgação de casos de suicídio (De Matos et al., 2025).

No campo da saúde pública, o conceito passou a explicar aumentos temporários nas taxas de suicídio após exposições midiáticas intensas e detalhadas sobre episódios específicos (De Matos et al., 2025). A divulgação sensacionalista, a romantização do ato ou a descrição minuciosa de métodos podem favorecer processos de identificação em sujeitos emocionalmente vulneráveis, especialmente adolescentes que enfrentam conflitos identitários e dificuldades de pertencimento social (Alves et al., 2022). A circulação acelerada de informações em ambientes digitais amplia o alcance dessas narrativas, potencializando seu impacto simbólico. Dessa forma, o suicídio não pode ser analisado dissociado das formas pelas quais a sociedade comunica e interpreta o sofrimento psíquico.

A compreensão do comportamento suicida também demanda análise da relação entre vulnerabilidades acumuladas e recursos de proteção disponíveis ao longo do desenvolvimento. A ausência de habilidades consistentes de regulação emocional, a dificuldade de resolução de conflitos e a baixa autoestima ampliam a suscetibilidade ao agravamento de sintomas depressivos (Sichoski et al., 2023). Experiências reiteradas de bullying e exclusão social associam-se ao aumento de ideação suicida, sobretudo quando persistem no tempo e comprometem a percepção de pertencimento (Moraes et al., 2023). Em contrapartida, o reconhecimento social, a construção de vínculos significativos e a percepção de apoio podem atenuar o impacto das adversidades e reduzir o risco de progressão para comportamentos autodestrutivos (Zacheo; Cardoso; Netto, 2026).

A adolescência apresenta particularidades que influenciam a intensidade das respostas emocionais. Transformações neurobiológicas e psicossociais próprias desse período associam-se a maior impulsividade e sensibilidade à rejeição social (Batista Filho et al., 2024). Em situações de conflito ou frustração, essa combinação pode favorecer reações emocionais intensas e comportamentos autodestrutivos, especialmente quando há acúmulo de estressores (Roberto, 2024). Na infância, a limitação na verbalização de emoções complexas pode deslocar o sofrimento para expressões comportamentais como retraimento, irritabilidade ou autolesão (De Moraes Orsatto et al., 2025).

Diante do o crescimento dos indicadores de sofrimento psíquico e tentativas de suicídio entre crianças e adolescentes no contexto brasileiro, bem como nas repercussões educacionais e sociais associadas a esses fenômenos, torna-se imprescindível aprofundar a compreensão conceitual e sistematizar estratégias preventivas fundamentadas em evidências científicas. Dessa forma, o objetivo deste estudo é analisar as estratégias de prevenção de depressão e suicídio nas escolas direcionadas a crianças e adolescentes vulneráveis, examinando fundamentos teóricos, sinais de risco e fatores determinantes que subsidiem práticas preventivas consistentes e baseadas em evidências científicas.

2. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica narrativa de abordagem qualitativa, direcionada à análise das estratégias de prevenção da depressão e do suicídio nas escolas voltadas a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo e exploratório, cujo objetivo consiste em aprofundar a compreensão dos fundamentos conceituais relacionados ao sofrimento psíquico infantojuvenil, bem como examinar os fatores de risco, os sinais de alerta e as estratégias preventivas descritas no contexto educacional. A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar interpretação crítica dos conteúdos científicos disponíveis, permitindo análise aprofundada das dimensões emocionais, sociais e educacionais envolvidas na prevenção desses fenômenos.

A revisão narrativa permite reunir e interpretar diferentes perspectivas teóricas e metodológicas sobre o tema, sem a rigidez procedimental exigida em revisões sistemáticas. Essa escolha metodológica mostra-se adequada diante da complexidade do objeto investigado, uma vez que a prevenção da depressão e do comportamento suicida envolve múltiplas dimensões relacionadas ao desenvolvimento humano, às condições sociais e às práticas institucionais. A pesquisa buscou integrar contribuições de diferentes áreas do conhecimento, como Psicologia, Educação e Saúde Mental, a fim de construir uma compreensão ampla e contextualizada das estratégias preventivas implementadas no ambiente escolar.

A coleta de dados foi realizada por meio de busca em bases de dados científicas reconhecidas, tais como Google Scholar e SciELO, utilizando descritores relacionados ao tema, entre eles “depressão”, “tentativa de suicídio” e “saúde mental”. Os termos foram combinados por operadores booleanos para ampliar a abrangência da busca e possibilitar identificação de produções relevantes. Estabeleceu-se como recorte temporal o período de 2021 a 2026, com o propósito de assegurar atualização das discussões e alinhamento às produções científicas mais recentes sobre saúde mental infantojuvenil.

Foram incluídos artigos científicos, dissertações, teses e revisões bibliográficas que abordassem diretamente a temática da depressão e do comportamento suicida em crianças e adolescentes, com ênfase

na prevenção no contexto escolar e nas situações de vulnerabilidade social e emocional. A seleção considerou produções que discutissem definições conceituais, fatores associados ao risco, manifestações comportamentais, impactos educacionais e propostas preventivas aplicáveis ao ambiente escolar. Também foram contemplados estudos que analisaram repercussões do sofrimento psíquico no desempenho acadêmico e nas relações interpessoais, por contribuírem para compreensão mais ampla do fenômeno.

Foram adotados como critérios de exclusão publicações que não apresentassem relação direta com a prevenção da depressão ou do suicídio na infância e adolescência, estudos com foco exclusivo na população adulta, textos indisponíveis integralmente e produções fora do recorte temporal estabelecido. Também foram desconsiderados materiais com abordagem superficial ou sem fundamentação teórica consistente. Esses critérios tiveram como finalidade assegurar coerência temática, qualidade científica e relevância acadêmica à construção da análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O aumento progressivo dos quadros de depressão e das tentativas de suicídio entre crianças e adolescentes tem produzido repercussões profundas no contexto educacional brasileiro, exigindo da escola posicionamento ativo e estruturado diante do sofrimento psíquico infantojuvenil. Segundo De Moraes Orsatto et al. (2025), observa-se crescimento significativo de comportamentos autolesivos na população jovem, especialmente entre sujeitos inseridos em cenários de vulnerabilidade social persistente. De acordo com Roberto (2024), as tentativas de suicídio nessa faixa etária vêm sendo registradas com maior frequência nos sistemas de saúde, o que amplia a responsabilidade da instituição escolar enquanto espaço privilegiado de convivência, observação cotidiana e intervenção preventiva.

Nesse cenário ampliado de risco, o impacto da pandemia da COVID 19 intensificou fatores previamente existentes e agravou fragilidades estruturais. Conforme De Siqueira Urruth e Jaeger (2022), o isolamento social prolongado, a insegurança econômica familiar e a ruptura abrupta da rotina escolar contribuíram para o aumento de sintomas depressivos e ansiosos entre adolescentes. Além disso, a interrupção das atividades presenciais fragilizou vínculos protetivos estabelecidos com professores e colegas, ampliando a exposição a contextos domésticos adversos e reduzindo as possibilidades de detecção precoce de alterações emocionais, o que evidencia a necessidade de estratégias sistemáticas de monitoramento no retorno às atividades escolares.

A depressão infantil, por sua vez, apresenta manifestações clínicas que frequentemente diferem daquelas observadas em adultos, exigindo abordagem cuidadosa e qualificada por parte da comunidade escolar. Segundo Santos et al. (2023), a irritabilidade persistente, as oscilações de humor e o retraimento

social figuram entre os sinais mais recorrentes nessa etapa do desenvolvimento. De acordo com Chaves (2023), a queda no rendimento acadêmico associada à perda de interesse pelas atividades escolares pode indicar sofrimento psíquico relevante, sobretudo quando acompanhada de mudanças comportamentais abruptas, reforçando a importância da observação pedagógica contínua.

Diante dessa complexidade, a identificação precoce de sinais de risco constitui uma das estratégias centrais de prevenção. Conforme Batista Filho et al. (2024), verbalizações de desesperança, isolamento progressivo e alterações intensas de comportamento devem ser compreendidos como indicadores que demandam intervenção imediata. Segundo Cesa, Pizzutti e Dhamer (2024), quando tais sinais são reconhecidos de forma oportuna e seguidos de encaminhamento adequado à rede de saúde, há redução significativa da progressão para tentativas de suicídio, o que evidencia a necessidade de protocolos institucionais claros e fluxos de encaminhamento bem definidos.

No que se refere aos fatores associados ao risco, o bullying ocupa posição de destaque e demanda estratégias institucionais específicas de enfrentamento. De acordo com Moraes et al. (2023), experiências reiteradas de exclusão, humilhação e violência simbólica apresentam forte associação com o aumento da ideação suicida entre adolescentes. Conforme Sichoski et al. (2023), a ausência de políticas consistentes de combate ao bullying compromete o clima escolar e favorece sentimentos de desamparo e desesperança, tornando indispensável a implementação de programas preventivos voltados à convivência ética e ao respeito mútuo.

Adicionalmente, as vulnerabilidades familiares exercem influência decisiva na configuração do sofrimento psíquico, exigindo atuação articulada entre escola e demais setores sociais. Segundo Batista Filho et al. (2024), contextos marcados por violência doméstica, negligência parental e instabilidade socioeconômica ampliam substancialmente a probabilidade de comportamentos autodestrutivos. Assim, estratégias eficazes devem contemplar não apenas o estudante individualmente, mas também a inclusão das famílias e a integração com serviços de assistência social e saúde.

A influência da mídia e das redes sociais também integra o conjunto de fatores que demandam atenção estratégica. Conforme De Matos et al. (2025), a exposição sensacionalista de casos de suicídio pode desencadear o chamado Efeito Werther, caracterizado pelo aumento de comportamentos imitativos entre adolescentes vulneráveis. Nesse sentido, torna-se imprescindível a adoção de protocolos responsáveis de comunicação em situações críticas, evitando detalhamentos inadequados e promovendo abordagem ética e preventiva.

No campo terapêutico, a atuação médica deve ser compreendida como parte de estratégia integrada de cuidado. De acordo com Botero et al. (2022), o uso de psicofármacos em crianças e adolescentes requer

avaliação criteriosa e acompanhamento psicoterapêutico concomitante, visto que a medicalização isolada não contempla a complexidade do sofrimento emocional. Nesse contexto, a implementação de programas estruturados de promoção da saúde mental constitui estratégia preventiva de grande alcance. Conforme De Souza et al. (2022), intervenções universais voltadas ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais contribuem para a redução de sintomas depressivos e para o fortalecimento de fatores protetivos. Além disso, segundo Escobar, Arruda e De Lorena Sobrinho (2022), estratégias seletivas direcionadas a grupos de maior risco apresentam impacto positivo na prevenção da autolesão, demonstrando que abordagens contínuas e integradas ao currículo escolar são mais eficazes do que ações pontuais.

A Terapia Cognitivo Comportamental destaca-se como estratégia terapêutica de elevada eficácia no contexto escolar. De acordo com Maranhão e Neto (2022), intervenções baseadas na TCC promovem reestruturação de padrões cognitivos disfuncionais relacionados à desesperança e à autodepreciação, fatores centrais no risco suicida. Consequentemente, a presença de psicólogos escolares capacitados para aplicar técnicas fundamentadas nessa abordagem amplia significativamente as possibilidades de intervenção precoce e acompanhamento sistemático.

A atuação do psicólogo escolar assume, portanto, papel estratégico tanto na prevenção quanto na posvenção. Conforme Bezerra e Scavacini (2025), esse profissional é responsável por identificar sinais de risco, conduzir intervenções individuais e coletivas e oferecer suporte à comunidade escolar após eventos críticos. Além disso, sua atuação contribui para a elaboração de protocolos institucionais e para a consolidação de cultura de escuta qualificada e acolhimento. Paralelamente, a enfermagem escolar também desempenha função relevante na consolidação das estratégias preventivas. De acordo com Do Nascimento Silva et al. (2025), práticas educativas, escuta ativa e monitoramento sistemático favorecem a identificação precoce de alterações emocionais. Além disso, o enfermeiro pode atuar como elo entre escola, família e serviços de saúde, ampliando a continuidade do cuidado e fortalecendo a rede de proteção.

A integração entre a escola e a Estratégia Saúde da Família representa um avanço significativo na construção de políticas preventivas voltadas à saúde mental de adolescentes. Conforme Seabra (2023), a aproximação entre atenção primária e ambiente escolar viabiliza acompanhamento longitudinal de estudantes em sofrimento psíquico, reduzindo a fragmentação do cuidado. Contudo, essa integração não deve ser compreendida como mero encaminhamento burocrático. Trata-se de um modelo territorial de corresponsabilização, no qual escola e equipe de saúde compartilham informações, constroem planos de cuidado articulados e acompanham a evolução do estudante de forma contínua. Ao inserir o adolescente em uma rede intersetorial estruturada, amplia-se a capacidade de identificação precoce de fatores de risco e de intervenção contextualizada, considerando dimensões familiares, sociais e comunitárias.

No campo pedagógico, a formação continuada dos professores assume papel estruturante na consolidação de estratégias preventivas consistentes. Segundo Vinagre et al. (2024), capacitações específicas ampliam a capacidade docente de reconhecer sinais de alerta e realizar encaminhamentos adequados. Entretanto, a qualificação docente não pode restringir-se à identificação de sintomas. De acordo com Lima (2025), professores preparados demonstram maior segurança e responsabilidade no manejo de situações envolvendo sofrimento psíquico justamente porque compreendem seus limites profissionais, dominam protocolos institucionais e desenvolvem habilidades de escuta qualificada. Assim, a formação continuada deve articular conhecimentos sobre desenvolvimento adolescente, fatores psicossociais de risco, ética profissional e fluxos intersetoriais de atendimento, integrando-se ao projeto político-pedagógico da instituição.

Apesar desses avanços teóricos, persistem fragilidades estruturais que dificultam a consolidação de políticas institucionais robustas. Alves et al. (2022) evidenciam que muitas escolas ainda não possuem diretrizes claras para o manejo de situações críticas relacionadas ao sofrimento psíquico. A ausência de normativas internas consolidadas gera insegurança, improvisação e respostas desarticuladas. Protocolos eficazes precisam orientar a equipe quanto ao acolhimento inicial, à comunicação responsável com a família e à articulação com a rede de saúde, além de prever acompanhamento sistemático posterior ao episódio crítico. Sem essa institucionalização formal, a atuação multiprofissional torna-se dependente de iniciativas individuais, comprometendo a continuidade do cuidado e a proteção integral do estudante.

Paralelamente, o desenvolvimento sistemático de habilidades socioemocionais configura-se como dimensão preventiva central. Sichoski et al. (2023) demonstram que programas estruturados de educação emocional fortalecem competências como autorregulação, empatia e autoestima, fatores reconhecidamente protetivos. Entretanto, tais programas produzem impacto consistente apenas quando incorporados de forma transversal ao currículo e à cultura escolar. Moraes et al. (2023) associam a construção de um clima escolar positivo à redução significativa da ideação suicida, indicando que o ambiente relacional exerce influência direta sobre a saúde mental dos estudantes. Assim, práticas pedagógicas que valorizam cooperação, pertencimento e diálogo não constituem ações periféricas, mas elementos centrais de uma política institucional preventiva.

Nesse contexto, o fortalecimento de vínculos afetivos entre estudantes e adultos significativos no ambiente escolar assume função protetiva de elevada relevância. Zacheo, Cardoso e Netto (2026) destacam que relações fundamentadas em confiança, escuta ativa e respeito reduzem sentimentos de isolamento e favorecem a busca por ajuda. Contudo, tais vínculos não emergem espontaneamente; dependem de condições institucionais que valorizem a dimensão relacional da prática educativa. Escolas excessivamente

orientadas por metas exclusivamente acadêmicas tendem a reduzir espaços de diálogo, fragilizando a função protetiva que poderiam exercer.

Dessa forma, a prevenção do sofrimento psíquico no ambiente escolar exige articulação intersetorial efetiva, formação docente contínua, institucionalização de protocolos claros e promoção sistemática de competências socioemocionais. A ausência de qualquer desses eixos compromete a consistência das ações e mantém a escola em posição reativa diante de situações complexas. Em contrapartida, quando esses elementos são integrados de maneira estruturada, a instituição consolida-se como espaço estratégico de cuidado, proteção e promoção da saúde mental.

Programas contínuos demonstram maior efetividade quando comparados a campanhas pontuais. Conforme Zacheo, Cardoso e Netto (2026), ações permanentes de promoção da saúde mental consolidam cultura institucional de cuidado e responsabilidade coletiva. Dessa forma, a prevenção deve ser incorporada ao planejamento pedagógico anual, evitando abordagens episódicas, uma vez que a abordagem integrada revela-se, a estratégia mais eficaz diante da complexidade do fenômeno. Segundo Batista Filho et al. (2024), a articulação entre identificação precoce, intervenção psicológica estruturada, avaliação médica, acompanhamento de enfermagem, formação docente e participação familiar potencializa os resultados preventivos. Assim, estratégias fragmentadas mostram-se insuficientes frente à multiplicidade de fatores envolvidos.

A posvenção constitui etapa indispensável na consolidação das políticas escolares de prevenção. De acordo com De Matos et al. (2025), a ausência de suporte adequado após tentativa ou óbito pode favorecer novos episódios por efeito imitativo. O acompanhamento psicológico coletivo aliado à comunicação responsável e à atuação coordenada de profissionais da saúde e da educação reduz riscos adicionais e fortalece a rede institucional de proteção. Diante dessas considerações, a escola consolida-se como espaço privilegiado de promoção da saúde mental, embora ainda enfrente limitações estruturais relacionadas à insuficiência de profissionais especializados e à ausência de protocolos consolidados. A atuação integrada de psicólogos, médicos, enfermeiros e professores revela-se fundamental para a proteção de crianças e adolescentes vulneráveis.

4. CONCLUSÃO

Dessa forma, evidencia-se que a prevenção da depressão e do comportamento suicida no ambiente escolar não pode ser compreendida como ação pontual ou circunstancial, mas como política institucional permanente, estruturada e eticamente comprometida com a proteção integral da criança e do adolescente. O fenômeno apresenta natureza multifatorial, envolvendo dimensões emocionais, familiares, sociais e

culturais, o que exige respostas igualmente complexas e articuladas. Nesse sentido, a escola consolida-se como espaço privilegiado de promoção da saúde mental, tanto pela sua presença cotidiana na vida dos estudantes quanto pela capacidade de estabelecer vínculos significativos e contínuos.

Destaca-se, inicialmente, que a identificação precoce de sinais de sofrimento psíquico constitui elemento decisivo na prevenção. Mudanças comportamentais, retraimento, queda no desempenho acadêmico e verbalizações de desesperança não podem ser naturalizadas ou negligenciadas no cotidiano escolar. Ao contrário, devem ser compreendidas como manifestações que demandam escuta qualificada, acolhimento e encaminhamento responsável. A consolidação de protocolos institucionais claros fortalece a capacidade da escola de agir com segurança e coerência diante de situações de risco.

Paralelamente, a formação continuada dos profissionais da educação emerge como condição indispensável para a efetividade das estratégias preventivas. Professores preparados para reconhecer sinais de alerta e para atuar com sensibilidade diante do sofrimento emocional contribuem significativamente para a construção de um ambiente escolar mais seguro e acolhedor. A dimensão pedagógica, nesse contexto, amplia-se para abarcar também a responsabilidade ética com o desenvolvimento integral do estudante.

A implementação de programas estruturados de promoção da saúde mental, integrados ao currículo escolar, revela-se igualmente fundamental. A educação socioemocional, quando trabalhada de forma sistemática, fortalece habilidades como autorregulação, empatia, comunicação assertiva e resolução de conflitos. Tais competências ampliam a capacidade de enfrentamento de adversidades e contribuem para a consolidação de fatores de proteção, reduzindo a vulnerabilidade a comportamentos autodestrutivos.

Além disso, a atuação multiprofissional demonstra-se essencial para garantir cuidado integral e continuidade do acompanhamento. A presença de psicólogos no ambiente escolar possibilita intervenções especializadas e suporte coletivo em situações críticas. A atuação médica, quando necessária, deve estar articulada a abordagens psicoterapêuticas, evitando reducionismos clínicos. A enfermagem, por sua vez, fortalece ações educativas e contribui para a vigilância em saúde, consolidando a rede interna de proteção. A integração desses profissionais, aliada à participação ativa das famílias, potencializa os resultados preventivos.

A articulação multidisciplinar amplia ainda mais a eficácia das estratégias implementadas. A cooperação entre escola, serviços de saúde e assistência social reduz a fragmentação do cuidado e assegura acompanhamento longitudinal de estudantes em sofrimento. Essa integração favorece respostas mais ágeis, humanizadas e sustentáveis, sobretudo em contextos de vulnerabilidade social.

Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de comunicação responsável em situações de crise. A condução ética e cuidadosa de episódios críticos, evitando exposição inadequada e narrativas

sensacionalistas, constitui medida protetiva não apenas para o indivíduo diretamente envolvido, mas para toda a comunidade escolar. A posvenção, nesse sentido, deve ser compreendida como parte integrante da política preventiva, assegurando suporte coletivo e monitoramento contínuo.

Diante do exposto, a prevenção da depressão e do suicídio nas escolas exige compromisso institucional, planejamento estratégico e atuação integrada entre diferentes profissionais. A consolidação de cultura escolar pautada no acolhimento, na escuta ativa e na promoção do bem-estar emocional configura-se como caminho essencial para a proteção de crianças e adolescentes vulneráveis. Assim, a escola reafirma seu papel não apenas como espaço de transmissão de saberes, mas como território de cuidado, pertencimento e construção de sentido para a vida.

REFERÊNCIAS

ALVES, Wany Luciana da Silva et al. **A prevenção do suicídio no ambiente escolar**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifg.edu.br/handle/prefix/1238>. Acesso em: 30 jan. 2026.

BATISTA FILHO, Telmo Rodrigues et al. **Suicídio infantojuvenil: uma análise dos fatores de risco, sinais de alerta e estratégias integradas de prevenção e posvenção**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Laila-Menezes/publication/377121335>. Acesso em: 30 jan. 2026.

BEZERRA, Jalane Moura Maia; SCAVACINI, Karen. O Papel do Psicólogo Escolar na Prevenção de Suicídio nas Escolas. In: **Narrativas, Pesquisas e Experiências**. [S. l.], p. 55, 2025. Disponível em: <https://vitalere.com.br/wp-content/uploads/2025/10/Livro-Atualizacoes-em-Suicidologia-vol3-11092025.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2026.

BOTERO, Beatriz Fonseca et al. Eficácia e riscos do uso de psicofármacos em crianças e adolescentes com transtornos de depressão: uma revisão bibliográfica. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 14, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/36284/30363/400837>. Acesso em: 30 jan. 2026.

CESA, Amanda Aparecida; PIZZUTTI, Ana Letícia; DHAMER, Thricy. Tentativa de suicídio na população infantil: o que fazer?. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 16, n. 3, 2024. Disponível em: <https://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/3861>. Acesso em: 30 jan. 2026.

CHAVES, Ana Paula Cordeiro. A depressão em crianças e seus reflexos no processo de aprendizagem: com ênfase no 1º ano do ensino fundamental. **Epitaya E-books**, v. 1, n. 38, p. 126-146, 2023. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/768>. Acesso em: 30 jan. 2026.

DE MATOS, Arnaldo Gonçalves et al. O Efeito Werther e o papel da escola na prevenção do comportamento suicida entre adolescentes. **Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 8, p. e17207, 2025. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/17207>. Acesso em: 30 jan. 2026.

DE MORAES ORSATTO, Sofia et al. Comportamento autolesivo em crianças e adolescentes brasileiros: um estudo epidemiológico. **Debates em Psiquiatria**, v. 15, p. 1-20, 2025. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/1510>. Acesso em: 30 jan. 2026.

DE SIQUEIRA URRUTH, Gicela; JAEGER, Fernanda Pires. Prevenção e saúde mental dos adolescentes: fatores de risco frente às dificuldades vivenciadas na Pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 10, p. e385111032857, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/32857>. Acesso em: 30 jan. 2026.

DE SOUZA, Marcela Hipólito et al. Intervenções no contexto escolar para depressão em crianças e adolescentes: uma scoping review. **Cadernos de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 27, 2022. Disponível em: <https://www.cadernosdepsicologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/123>. Acesso em: 30 jan. 2026.

DO NASCIMENTO SILVA, Fernanda Maria et al. Promoção da saúde mental de adolescentes: desafios e estratégias, na prática da enfermagem. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 11, p. 795-804, 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/21829>. Acesso em: 30 jan. 2026.

ESCOBAR, Amanda de Moraes Pinto Ribeiro; ARRUDA, Mariana de Fátima Alves; DE LORENA SOBRINHO, José Eudes. Estratégias de prevenção do suicídio e da autolesão voltadas para adolescentes em ambientes escolares: uma revisão integrativa da literatura. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, p. e0411326157, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26157>. Acesso em: 30 jan. 2026.

LIMA, Joao Pedro Sousa. **Saberes e práticas de professores acerca da prevenção de comportamento suicida e violência infantojuvenil**. 2025. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/7908>. Acesso em: 30 jan. 2026.

MARANHÃO, Thércia Lucena Grangeiro; NETO, Modesto Leite Rolim. O Impacto da Terapia Cognitivo-comportamental no Contexto de Riscos e Vulnerabilidades para o Suicídio entre Crianças e Adolescentes: Revisão Sistemática e Metanálise. ID on line. **Revista de psicologia**, v. 16, n. 60, p. 583-597, 2022. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3388>. Acesso em: 30 jan. 2026.

MORAES, Leticia de et al. **Bullying, ideação suicida, habilidades sociais e clima escolar: fatores de risco e de proteção à saúde mental de adolescentes**. 2023. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/20178>. Acesso em: 30 jan. 2026.

ROBERTO, Tiago Moreno Lopes. **Tentativas de suicídio em crianças e adolescentes no contexto brasileiro**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, [2024?]. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/240717309.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2026.

SANTOS, Ana Carolina Sousa et al. Depressão infantil. In: Saúde mental das crianças: as patologias que mais as afetam. [S. l.]: **RFB Editora**, p. 39, 2023. Disponível em: https://www.rfbeditora.com/files/ugd/baca0d_362dc0e65bbf462a805d2b31f840ea98.pdf. Acesso em: 30 jan. 2026.

SEABRA, Kamille Lima de Bragança. **O manejo da depressão na adolescência pela estratégia saúde da família.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estácio de Sá, 2023. Disponível em: https://dissertacao.estacio.br/sausedafamilia/2023/4689842_dissertacao_kamille_lima.pdf. Acesso em: 30 jan. 2026.

SICHOSKI, Bruna Emili et al. Bullying, depressão e suicídio na infância e adolescência: educação emocional. **Anais da Mostra Científica do Programa de Interação Comunitária do Curso de Medicina**, v. 6, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.univag.com.br/index.php/picmed/article/view/2616>. Acesso em: 30 jan. 2026.

VINAGRE, Sarah et al. **Alerta dos sinais de suicídio entre estudantes: estratégias de capacitação dos trabalhadores da educação.** Revista GepesVida, v. 10, n. 26, 2024. Disponível em: <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/31232>. Acesso em: 30 jan. 2026.

ZACHEO, Tatiane; CARDOSO, Flávia Lizandra Cubas; NETTO, Jose Valdeci Grigoletto. **O impacto do suicídio na adolescência: dos fatores de risco aos fatores de proteção.** Revista Foco, v. 19, n. 1, p. e11270, 2026. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/11270>. Acesso em: 30 jan. 2026.